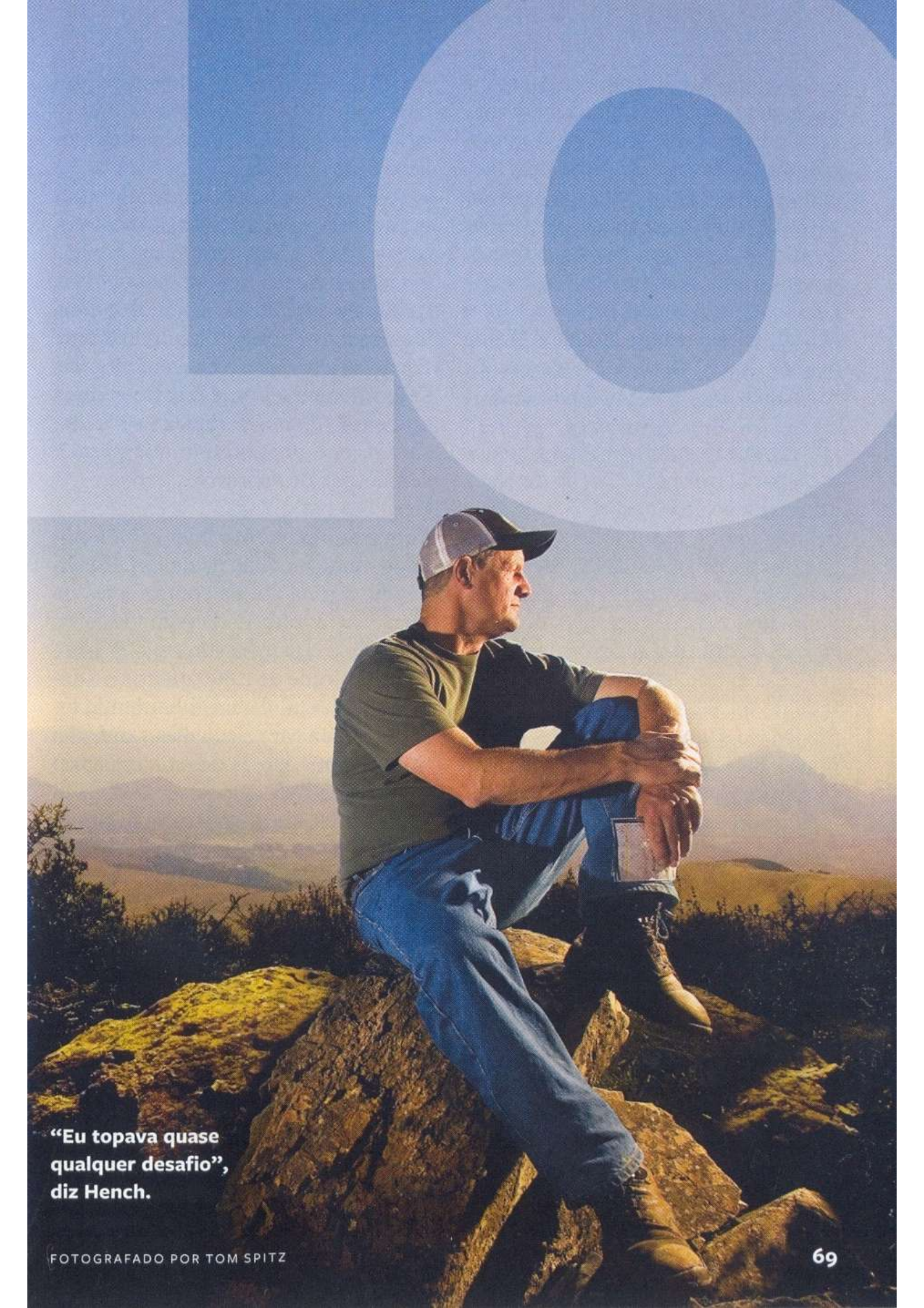


Charlie Hench pensou que uma caminhada solitária pela Sierra Nevada o ajudaria a esquecer certos momentos difíceis da vida. As coisas, porém, tomaram um rumo inimaginável.

POR LYNN ROSELLINI

**A oito meses de completar 50 anos,** Charlie Hench tinha o ar despreocupado de um homem mais jovem. Ex-jogador de rúgbi de Michigan, nos Estados Unidos, com 1,83 m de altura, conseguia levantar 143 kg no supino. Nos últimos anos, correria com touros na Espanha, praticara canoagem nos rios de Boundary Waters, em Minnesota, e caminhara pelos campos da Sierra, na Califórnia, com um grupo de amigos.

Mas agora, Hench não se sentia tão bem. Seu joelho direito doía por causa de um ligamento rompido há 30 anos. O pai morrera recentemente.



**“Eu topava quase  
qualquer desafio”,  
diz Hench.**

FOTOGRAFADO POR TOM SPITZ

E ele e Julie McGuigan, com quem já namorava havia sete anos, vinham atravessando um período difícil. A namorada tinha, diz Hench, “uma carência enorme que eu não conseguia satisfazer”. Ele, então, fez o que costumava fazer quando as coisas ficavam tensas: inventou uma aventura para se distrair. Uma caminhada solitária pela Sierra Nevada parecia muito atraente. “Estou ficando fraco”, disse ele à namorada. “Se não fizer agora, não farei mais.”

**Hench não é exatamente** a pessoa ideal para fazer uma marcha de cinco dias ao longo de uma majestosa cadeia de montanhas. Ele costumava brincar que, ao planejar excursões de acampamento em grupo, providenciava primeiro uma caixa de cervejas, depois o saco de dormir. Além de espalhafatoso, era desajeitado, vivia tropeçando em tudo no local de trabalho como engenheiro do Departamento de Transportes da Califórnia, o Caltrans, em Cambria, região costeira do Estado. Certa vez caiu com o caminhão da firma numa barragem, mas de alguma forma conseguiu sair são e salvo. Em várias ocasiões, “você pensaria: *É agora. Desta vez teremos de levá-lo para o hospital*”, diz seu velho amigo John Luchetta. “Ele então se levantava, sacudia a poeira e saía andando.”

Os amigos mais chegados de Hench consideravam bacana essa característica meio desligada, e todos admiravam sua disponibilidade. Precisa de alguém para quebrar seu pátio com uma britadeira? Precisa de ajuda para instalar o telhado da casa? Chame o

Charlie. “Ele chegou a construir um banco em homenagem à minha avó, quando ela morreu”, diz o amigo íntimo Steve Baliban.

Foi por isso que Hench contou com muita ajuda na preparação de sua aventura solitária pela Sierra. Seus amigos forneceram equipamento para chuva, refeições congeladas a vácuo e uma lanterna; um deles utilizou o Google Earth para traçar a rota na montanha. Se Luchetta e o grupo tinham alguma apreensão quanto à viagem, nada disseram, por imaginarem que Hench seria capaz de sobreviver a tudo.

**Com o equipamento** bem acondicionado numa mochila de náilon, Hench pegou carona até os contrafortes da Sierra. Ao anoitecer da segunda-feira, acampou na margem do Lago Edison, a uma altitude de 2.800 metros no declive ocidental da cordilheira. Ele levou comida para cinco dias, um fogão portátil, um saco de dormir, uma barraca e uma vara de pescar. Sentou-se num tronco de árvore, alimentando uma fogueira e admirando as estrelas. Sentia-se feliz por estar ali. A vida parecia mais fácil ao ar puro da montanha. Pegou uma caneta e escreveu: “Divagações de Charlie numa marcha solitária pela Sierra Nevada, 17 a 22 de setembro.”

Na manhã seguinte, o funcionário de um acampamento lhe deu uma carona até o início da trilha, onde ele começaria a marcha de 24 quilômetros até o Lago Itália. Na hora de partir, o motorista do caminhão avisou que estava prevista uma tempestade

naquela semana. “Só não sei se vai nevar”, disse a Hench.

Nos 15 quilômetros iniciais da viagem, a trilha estava bem conservada, com o caminho limpo e marcações nas árvores. Mas esses cuidados começaram a diminuir gradativamente à medida que a vegetação rareava com a altitude, o que levou Hench a se perder várias vezes, em parte porque sua bússola nova não funcionava. Ao entardecer da quarta-feira ele montou sua barraca na margem do lago. “Ufa! Consegui”, escreveu.

Yosemite, cerca de cem quilômetros a noroeste do acampamento de Hench; dois integrantes do grupo morreram.

“Sem saber direito o que fazer, vou me agachar e descansar um pouco”, escreveu Hench na quinta-feira, depois que condições climáticas adversas, com visibilidade quase nula, acumularam mais de meio metro de neve contra sua barraca. Alpinistas de todas as partes da cordilheira relataram que o vento naquele dia parecia “de outro planeta”, derrubando árvores com troncos de dois metros e meio de diâmetro. En-

Alguns alpinistas na área disseram que o vento parecia “vir de outro planeta”, varrendo troncos de árvores.

Quando se deitou no saco de dormir naquela noite, ouviu o vento ganhar força até varrer o lago com rajadas de 80 quilômetros por hora. Na manhã de quinta-feira, a neve caía forte.

Tempestades em início de estação são raras na Sierra Nevada, o que surpreende os turistas que se aventuram vestindo apenas camiseta, enganados pelas temperaturas escaldantes do verão. Alguns anos atrás, mais de vinte alpinistas se viram em apuros em diferentes pontos da montanha quando uma tempestade de outubro se abateu sobre a cordilheira, fazendo cair mais de um metro de neve. Três alpinistas experientes, já quase congelados, tiveram a sorte de serem resgatados da parede de El Capitan, no Parque Nacional

quanto isso, Hench acrescentava uma nota em seu diário: “Talvez permaneça aqui por um dia.”

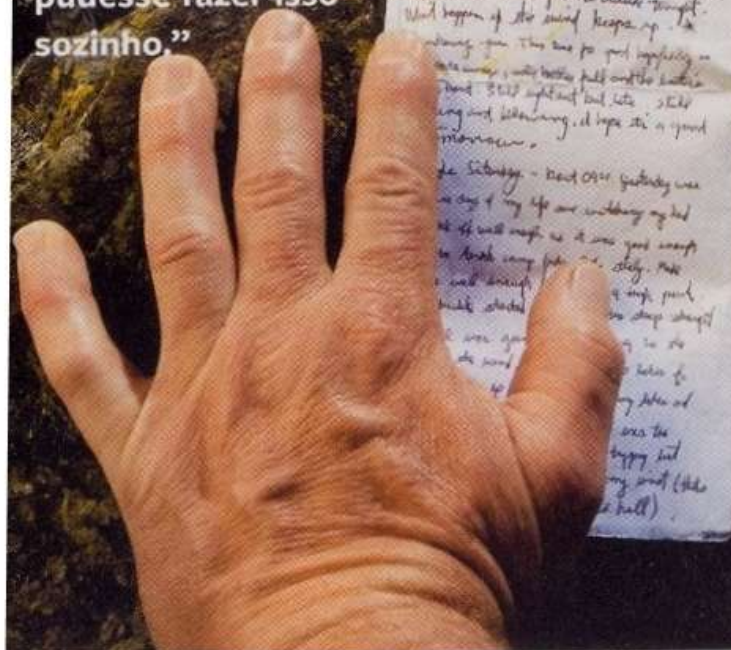
**Julie McGuigan estava** trabalhando quando um colega parou para perguntar sobre Hench.

– Você sabia que está chegando uma tempestade? – disse ele.

Julie, bióloga de 46 anos, adorava a vivacidade de Hench. Quem mais a presentearia no Dia dos Namorados com uma casa de morcego para pôr no quintal? Ela olhou pela janela do escritório. As tempestades da Sierra costumam se traduzir em nuvens e chuva.

– Ele ficará bem – disse ela, seguindo o raciocínio de que o namorado sempre dava um jeito em tudo.

No diário que escreveu, Hench registrou: “Fui um tolo ao pensar que pudesse fazer isso sozinho.”



**Quando Hench** acordou na manhã de sexta-feira, o sol saíra e as nuvens vagavam devagar pelo céu azul. Ele desmontou o acampamento e subiu em direção à Passagem Itália, 365 metros acima do lago. Planejara seguir a passagem ao longo do cume da Sierra Nevada e então descer para o declive oriental. Agora, porém, com a passagem encoberta, Hench se viu obrigado a saltar de uma pedra escorregadia para outra sobre barrancos traiçoeiros de neve profunda.

Perto do meio-dia ele alcançou um cume. *Não parece correto*, pensou. Embora não percebesse, Hench tomara a direção errada e acabara numa depressão escarpada ao norte da passagem. Ele tentava se localizar, mas caiu. De repente, se viu esparramado sobre uma pedra, com o punho latejando e o sangue a escorrer do lado direito do rosto. Olhou confuso para um lago que

brilhava centenas de metros abaixo. “Caminhada solitária pela Sierra!”, disse. “Seu idiota!”

Seu cajado, mapa e óculos haviam-se perdido. O punho direito estava em brasa, certamente quebrado. Levantando-se devagar, Hench ajeitou a mochila, mas sua vara de pescar, ainda presa à mochila, escorregara de novo, formando um cotovelo. Tentou firmar-se, mas caiu outra vez, agora escorregando pela face rochosa e aterrissando de costas numa saliência de granito do tamanho de um piano de cauda. Um despenhadeiro ia direto até o vale profundo, várias centenas de metros abaixo. Não havia como subir nem descer. Ele estava encurralado.

**O amigo de pescarias** de Hench, Grant Krueger, estava preocupado. Quando Hench não apareceu no início da trilha onde haviam planejado se encon-

trar no quinto dia, ele telefonou para Julie. Logo os celulares dos amigos de Hench começaram a tocar.

Em poucas horas, elaboraram um plano. Um grupo rastrearía a rota traçada por Hench, do Lago Edison até o lado ocidental da cordilheira. Krueger e outro amigo começariam pelo início da trilha próximo a Bishop e rastrearían a rota de Hench no sentido contrário. Os dois grupos se encontrariam no cume. Eles avisaram à polícia dos condados de Fresno e de Inyo que enviariam, cada um, uma equipe de busca e resgate no início da manhã de segunda-feira, 48 horas depois de Hench não aparecer no início da trilha. De sua casa, perto de San Luis Obispo, Julie centralizaria o controle das operações, fornecendo informações sobre Hench às equipes de resgate do condado e anotando num grande quadro nomes e números para contato.

Em Bishop, na segunda-feira, Krueger teve uma última ideia antes de embarcar. Um ex-colega, David Grah, conhecia bem os meandros da Sierra Nevada por percorrer a pé seus picos e sobrevoar a cordilheira com seu pequeno avião. Krueger deixou um bilhete no escritório de Grah, solicitando ajuda na busca por Hench.

**“Sábado, 22 de setembro.** Ontem foi o pior dia da minha vida, à exceção do dia em que vi meu pai morrer”, escreveu Hench. Congelado e exausto, conseguiu encontrar o espaço exato para armar a barraca. Dentro dela, analisou a situação: não dispunha de um espelho para sinalizar, a bússola estava que-

brada e o celular, sem sinal. Pelo menos tinha comida para alguns dias: enso-pado de carne congelado e desidratado, barras de cereais, lanches próprios para alpinistas e um pacote de mistura para panqueca. Equipes de busca viriam em breve à sua procura. Até lá, se manteria calmo. “Foi tolice tentar fazer isto sozinho”, escreveu.

**No entanto,** outras 48 horas se arrastaram, e só o que ele sentia era dor e medo. O punho, inchado, adquirira o dobro do tamanho normal, e um arranhão enorme marcava-lhe o rosto perto do olho. Embora o céu estivesse claro, ao amanhecer de segunda-feira o frio agudo penetrara fundo em seus ossos.

De tarde, Hench ouviu o barulho de helicópteros sobrevoando o Lago Itália, o que elevou seu estado de ânimo. *Era só uma questão de tempo até rever os amigos – e Julie,* pensou, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelo rosto. Depois de prender um pedaço de pano vermelho na ponta da vara de pescar, agitou a improvisada bandeira. Mas o som dos helicópteros ficou mais fraco.

Naquela noite, registrou em seu diário: “Quero que este pesadelo acabe.” Quando abriu a aba da barraca e olhou para fora, as estrelas, que pareceram tão confortadoras no Lago Edison, mostravam-se agora frias e distantes.

Ao anoitecer de terça-feira, vários engenheiros do Caltrans chegaram a diferentes acampamentos, logo abaixo da Passagem Itália. O estado de ânimo geral era péssimo quando Grant Krueger e um amigo de Bishop instalaram o equipamento de cozinhar no declive.



Os helicópteros haviam voado em círculo sobre suas cabeças o dia todo, às vezes a apenas 30 metros do solo, sem detectar qualquer sinal de Hench. “Alguém já deve tê-lo encontrado a esta altura”, disse Krueger a Julie pelo telefone via satélite que levava consigo.

**Mais cedo naquele dia** – o quinto passado por Hench na saliência do rochedo –, ele outra vez ouviu o barulho de helicópteros e... nada. Perdera seu mapa mais detalhado, mas tinha outro, que examinou com atenção, na tentativa de descobrir onde errara. De sú-

bito, o óbvio: sua mudança de direção o afastara, pelo menos, uns 800 metros da Passagem Itália, de modo que as equipes de resgate estavam vasculhando uma área distante.

Determinado a sair da saliência do rochedo, Hench empacotou seus pertences e tentou se arrastar pelas pedras soltas, utilizando a mão boa para se firmar e o ombro direito para impulsionar o corpo. Ele precisava se aproximar da Passagem Itália. Mas, após percorrer uns dez metros, se viu impedido de prosseguir. Quando a noite chegou, sentou-se numa pedra,

Muitos amigos de Hench ajudaram na busca: (da esquerda para a direita) Allen Haag, Billy Leu, Joe Bloomer, Steve Baliban. Sobrevoando as montanhas com seu Cessna, David Grah (no meio) localizou o amigo.



puxou o saco de dormir e enrolou-se nele. Num pedaço de papelão, começou a escrever um testamento. Deixaria para Krueger seu barco de pesca. Julie e os cinco irmãos dele receberiam a casa de Cambria. A lua cheia ergueu-se sobre os picos de granito. Ele morreria nessas condições: um grande otário encahado num despenhadeiro da Sierra Nevada.

**Em sua casa a 80 quilômetros** dali, em Bishop, David Grah viu pela janela o brilho da lua cheia. Ele não dormira bem durante toda a semana, pensando

em Hench e no bilhete deixado por Grant Krueger sobre sua mesa de trabalho. Trinta anos atrás, seu irmão quase morrera por causa da queda de um rochedo gelado da Sierra durante uma caminhada solitária. O acidente ocorrera a uns 3.600 metros de altitude, numa depressão entre picos a noroeste da Passagem Itália. Grah não conseguia se livrar da ideia de que Hench talvez estivesse no mesmo lugar.

Às seis e meia da manhã seguinte, ele deu partida em seu Cessna 170 modelo 1950 e decolou em direção ao flanco oriental da cordilheira, sobrevoando





“Nós adoramos a companhia um do outro”, diz a namorada de Hench, Julie McGuigan.

a Passagem Itália. A maioria dos pilotos guarda uma distância do solo de pelo menos 300 metros ao sobrevoar a Sierra, para evitar correntes de ar ascendentes ou descendentes súbitas. Há destroços de aviões aqui e ali ao longo da cordilheira. Grah, porém, estava certo de que não poderia localizar Hench a partir de posições muito elevadas em relação aos picos. Seria cauteloso, mas voaria baixo, observando cada quilômetro quadrado.

Sobrevoou a depressão, esforçando-se para ver qualquer coisa que sugerisse uma forma humana no meio das pedras. Nada. Grah sentiu-se frustrado. *Talvez tenha sido bobagem ter vindo*, pensou. Ele inclinou o Cessna lateralmente em torno do Lago Edison e em seguida margeou os desfiladeiros mais uma vez.

De repente, ao nível da janela do passageiro e a uma distância equivalente a um campo de futebol, Grah viu um homem de pé sobre a saliência de um rochedo – quase no local onde seu irmão caíra. O homem agitava uma vara com um pano vermelho na ponta.

**Hench viu o Cessna** prateado mergulhar suas asas. Encontrava-se tão perto que parecia voar direto para a montanha. Hench gritou. Dançou. Poucos minutos depois, o avião reapareceu, dessa vez seguido por um helicóptero da Patrulha Rodoviária da Califórnia. A tripulação do helicóptero baixou uma mensagem numa linha presa a um peso. “Se você é Charlie Hench”, dizia a mensagem, “levante um braço. Se estiver ferido, levante o outro.” Hench levantou ambos os braços.

O flanco da montanha era quase vertical, e as correntes de ar, que mudavam de direção a toda hora, tornavam difícil o helicóptero pairar em posição firme. O piloto, Bill Dixon, deu um jeito de manobrar o aparelho até uma fenda e pousar na saliência do rochedo. A oficial de voo, Andrea Brown, inclinou-se para fora e fez sinal para que Hench desse um passo à frente. Ele disse que não com a cabeça. “Ele estava morto de medo”, diz Andrea. “Estava escorregadio, e, se ele caísse, seriam centenas de metros até lá embaixo.”

Dixon manobrou o helicóptero para mais perto. “Você tem de vir agora”, Andrea gritou para Hench, que levantou o punho para mostrar que estava fraturado; assim que ele pisou no esqui do helicóptero, Andrea segurou-o pelo cinto e puxou-o para dentro. O Departamento do Xerife do Condado de Fresno revelaria depois que, numa escala de dificuldade de 1 a 10, o resgate de Charlie Hench fora de 9,9.

**Na manhã de quarta-feira** em San Luis Obispo, o sistema de alto-falantes do Caltrans anunciou: “Charlie Hench foi encontrado.” Gritos de alegria irromperam por todo o prédio.

Grant Krueger, que, naquele momento, estava numa trilha no flanco oriental da cordilheira, pouco abaixo

do cume, recebeu a notícia pelo telefone via satélite.

De volta a Bishop, Grah ligou para Julie, tentando achar uma explicação para o fato de dois homens, no alto da montanha, caírem exatamente no mesmo lugar. Hench telefonou para a namorada de um hospital em Bishop, onde os médicos inseriram 12 pinos em seu punho direito e trataram fissuras nas vértebras. Julie chorou ao ouvir a voz de Hench. “Ele também desatou a chorar”, diz ela. “E me disse que passara a noite toda sentado numa pedra, pensando que sua hora chegara.”

**Hench traz agora** uma cicatriz de cinco centímetros perto do olho direito e carregará para sempre os pinos no punho. Ele e Julie planejam morar juntos. De vez em quando, se lembra do tempo que passou naquele rochedo, e um calafrio lhe percorre o corpo. Hench se lembra dos amigos que empreenderam sua busca.

*Talvez, pensa hoje, correr com os touros ou caminhar sozinho pelas montanhas não seja o melhor método de um homem encontrar a si mesmo. Talvez perder-se nas nuvens não seja o único meio de sonhar. Talvez a maneira de um homem se encontrar seja no aconchego do lar, cercado pelas pessoas que ama.*

## ATENÇÃO À VOZ DA EXPERIÊNCIA

**Aprendi com o meu** último relacionamento que se uma discussão começa com “o que você quis dizer com isso?”, ela NÃO vai terminar com “agora sei o que você quis dizer”.

*Donald Glover, comediante*